

NÓS ENTRE TRAMAS: UMA CARTOGRAFIA INDISCIPLINAR NA IZIDORA

NODES BETWEEN THE WOOF: AN “INDISCIPLINAR” CARTOGRAPHY OF IZIDORA

Julia Ávila*, Daniela Faria* e Natacha Rena*

Resumo

Este texto é parte do trabalho de doutorado de Julia Franzoni, cuja pesquisa integra a frente de ação “Izidora” do projeto de extensão “Urbanismo Biopolítico” do grupo de Pesquisa Indisciplinar. O processo de investigação é realizado de forma colaborativa e em rede por investigadoras do Grupo com membros da rede Resiste Izidora. O trabalho gráfico bem como o teste das reflexões aqui apresentadas foram produzidos em conjunto com Daniela Faria, pesquisadora do Indisciplinar, e orientados pela professora Natacha Rena. Narra-se, neste excerto, experiências da produção de saber situado na luta das ocupações da região da Izidora em Belo Horizonte, a partir das linhas traçadas pelo método cartográfico indisciplinar, comprometido com as apostas de uma “onto-epistemologia” cuja direção ética está nos acontecimentos. Esse ensaio se desdobra sobre a relação entre os procedimentos da investigação e as exigências éticas e políticas do conflito, apresentando-se parte da trajetória e discutindo táticas e estratégias da pesquisa ativista, seus dispositivos e desdobramentos, com o objetivo de discutir os limites e as potencialidades de se cartografar (agindo) (n) o processo.

Palavras-chave: cartografia; pesquisa ativista; conhecimento situado; produção do espaço.

Abstract

This text belongs to Julia Franzoni doctoral’s work, whose research integrates the project “Biopolitical Urbanism” of the Indisciplinar Research Group, in the realm called “Izidora”. The research process is carried out in a collaborative and networked manner by researchers from the Group with members of the Resiste Izidora network. The graphic work as well as the test of the presented reflections are produced together with Daniela Faria, researcher of Indisciplinar, and supervised by professor Natacha Rena. In this excerpt, experiences of situated knowledge produced in and about the resistance struggle of the occupations of the Izidora region in Belo Horizonte are narrated from the lines drawn by the indisciplinar cartographic method, committed to the hypothesis of an “onto-epistemology” whose ethical direction is the events. This essay unfolds about the relationship between research procedures and the ethical and political demands of the conflict, presenting part of the trajectory and discussing tactics and strategies of the activist research, its devices and unfolding, with the objective of discussing the limits and the potentialities of mapping (acting) in the process.

Keywords: cartography; activist research; situated knowledge; production of space.

[antropofagia indisciplinada]

“Só me interessa o que não é meu”, já dizia o Manifesto Antropofágico. Este artigo integra parte da pesquisa de doutorado de Julia Franzoni desenvolvida de forma colaborativa e em rede por investigadoras do Grupo de Pesquisa Indisciplinar. O texto que segue já nasce velho, sendo memória desta pesquisa engajada, ainda em curso, no período de março de 2015 a maio de 2016 – quanto já foi feito desde então! Narra-se, neste texto, experiências de produção de saber situado a partir do método cartográfico, comprometido com as apostas de uma “onto-epistemologia” cuja direção ética está nos acontecimentos. Dessa forma, esse ensaio se desdobra sobre a relação entre os procedimentos dessa investigação e o sítio da pesquisa, o conflito socioterritorial da Izidora. Uso da metalinguagem agora para ambientar o leitor nos enredamentos do texto: o método desta pesquisa faz e se refaz por meio do caminho aberto pelo percurso que eu, Julia, tenho desenvolvido como pesquisadora ativista vinculada ao Grupo de Pesquisa Indisciplinar e como advogada popular da rede Resiste Izidora. Este trabalho integra um projeto de pesquisa e extensão maior que vem sendo desenvolvido pelo Indisciplinar e do qual eu faço parte, atuando em diversas outras frentes territoriais de investigação em Belo Horizonte. Dessa forma, o que desenvolvo é herança refeita, devorada e continuada de um trabalho de Grupo; uma antropofagia indisciplinada. Tanto é assim, que toda a produção gráfica e o teste das reflexões desta pesquisa são feitos de forma colaborativa com Daniela Faria, pesquisadora do grupo e orientadas pela professora Natacha Rena, minha co-supervisora de tese, ambas coautoras deste texto. É arriscado discutir e apresentar o método quando se parte da assunção prévia de que ele é incapturável. Contudo, o saber parcial comprometido, para ser levado em conta, deve apresentar suas armas. Dessa forma, neste momento ainda em fase de elaboração, rascunhamos dois percursos de método: um, o relato do caminho cartográfico do Indisciplinar na luta da Izidora, tendo minha atuação assumido à frente dos trabalhos numa parceria com outros pesquisadores; e dois, os caminhos que esta trajetória cartográfica ainda pretende percorrer. O material aqui apresentado e todo o trabalho de estudo já desenvolvido só foi possível tendo em vista minha presença cotidiana na rede de resistência da luta territorial da Izidora e o apoio das invenções indisciplinadas para cartografar (agindo) (n) o processo. Por essa razão, a discussão do método é uma conversa com as apostas e os dispositivos criados por nós do Indisciplinar e, assim, o que apresento aqui é um percurso necessariamente coletivo, de uma pesquisa de tese colaborativa, mesmo que orientada pelos meus desejos de investigação. Falar da cartografia Indisciplinar na Izidora é falar do Grupo, ao mesmo tempo em que faço a pesquisa de doutorado.

[1] O primeiro percurso de método aqui discutido foi resenhado por mim, Julia Franzoni, Daniela Faria e Natacha Rena, tendo a oportunidade de ser apresentado no Congresso Internacional “Contested Cities”, em Madrid, na Espanha, em julho de 2016. O material encontra-se publicado na página do evento e serviu de base para construção deste texto. Disponível em: <<http://contested-cities.net/working-papers/2016/cartografia-indisciplinar-do-conflito-da-izidora-em-belo-horizonte/>>

[2] O Indisciplinar é um grupo de pesquisa vinculado ao CNPQ (<http://blog.indisciplinar.com/>), sediado na Escola de Arquitetura da UFMG, que tem suas ações focadas na produção contemporânea do espaço, considerada a importância da produção biopolítica nas metrópoles e os processos de globalização. As atividades do Indisciplinar imbricam teoria e prática e compreendem processos de articulação cotidiana com diversos atores que constituem a produção do espaço nas metrópoles como: Movimentos Sociais, Ambientais e Culturais; Grupos de Pesquisa e Extensão; Ministério Público; Defensoria Pública; Poderes Legislativo e Executivo, Grupos de Pesquisa, dentre outros. As frentes de ação do grupo envolvem tanto processos destituíntes contra o urbanismo neoliberal em suas muitas dimensões expropriadoras do patrimônio público, quanto em processos

constituintes/instituintes de novos espaços engendrados pela coletividade, autonomia cidadã em defesa do bem comum (material e imaterial), em uma abordagem transversal e indisciplinar. Diversas pesquisas estão associadas ao grupo, sejam elas de monografia, mestrado e doutorado, sejam elas aprovadas pelo PRPq – UFMG ou pelas Agências de fomento à pesquisa (Capes e CNPq) e Ministérios (Minc). O grupo é formado por mais de 40 professores, pesquisadores, alunos.

Img. 1 O Indisciplinar era parte do Grupo de Trabalho de Comunicação e esteve junto de tomadas de decisão como as cores que representam o movimento Resiste Izidora. Fonte: fanpage do Resiste Izidora, do Espaço Comum Luiz Estrela e do Tarifa Zero.

Nós entre tramas¹

No território da Izidora, localizada no vetor norte do município de Belo Horizonte, três ocupações urbanas de moradia enfrentam Grandes Projetos Urbanos que, por sua vez, se legitimam a reboque de sofisticadas técnicas jurídicas para privatizar a terra. Trata-se, no caso, de um dos conflitos espaciais mais emblemáticos do Brasil e da América Latina, em que direitos e bens comuns são ameaçados pelas estratégias de parceria do Estado com o capital e, ao mesmo tempo, táticas e estratégias de resistência e insurgência se constroem colaborativamente a partir da rede de Resiste Izidora. O Grupo de Pesquisa Indisciplinar [2] atua como colaborador – se posicionando como mais um ator da rede – desde o início da mobilização datada da primeira ameaça de despejo das ocupações populares em 2014.

O enfoque da atuação do Grupo dava-se, sobretudo, por meio da atuação do Indisciplinar no grupo de trabalho de comunicação da rede, ajudando a criar e fomentar campanhas de comunicação e mobilização na rede para reforçar ações de proteção do território, como as vigílias noturnas, as atividades culturais e os atos de rua. Nesse momento, a ameaça de desocupação forçada foi combatida por meio de uma combinação tática de ações de rua e de rede que, chamando a atenção para os direitos das crianças, adolescentes e idosos no território, sensibilizaram a atuação do Ministério Público e, dessa forma, conseguiram decisão jurisdicional determinando a suspensão provisória da ordem de despejo.

A retomada do momento de perigo, ante a revogação da decisão jurisdicional favorável, deu-se num renovado contexto político regional, tendo em vista a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) para o governo estadual (final de 2014) e a instituição, em cumprimento a promessa de campanha junto aos movimentos sociais, de uma Mesa Permanente de Negociação de Conflitos Fundiários (início de 2015). Nessa nova conjuntura, o Indisciplinar ampliou seu âmbito de atuação



na rede Resiste Izidora, passando a colaborar, para além das ações de mídia e comunicação, nos espaços institucionais de negociação do conflito e contribuindo para ampliação dos temas de denúncia técnica, envolvendo a perversão dos usos de instrumentos urbanísticos no território.

A atuação do Indisciplinar no conflito socioterritorial da Izidora é uma frente de ação incorporada ao projeto Cartografias Emergentes, composto por mais cinco ações ativistas de investigação e pesquisa. Todas essas frentes correspondem a casos emblemáticos de lutas territoriais envolvendo Grandes Projetos de parceria público-privada e movimentos de resistências e insurgências populares na cidade de Belo Horizonte, junto às quais os pesquisadores do Grupo atuam, em maior ou menor grau, como colaboradores e militantes. A linha comum que atravessa as ações do Grupo nessas frentes é a conjunção de atividades de rua – incidência, denúncia e mobilização social/política/técnica/jurídica – e de rede – ações de mídia e comunicação, tradução gráfica de temas complexos (memes, diagramas, textos ilustrados e linhas de tempo), produção de blogs, fanpages e mapeamento dos casos na Plataforma do Urbanismo Biopolítico [3].

[3] A cartografia da Izidora é um case emblemático de atuação do Grupo dentro do projeto maior de construção de uma plataforma de mapeamento denominada Urbanismo Biopolítico. Essa plataforma diz respeito à investigação tanto dos projetos estratégicos do Urbanismo Neoliberal, quanto das insurgências criativas que a eles se opõem nas cidades, às quais o Grupo denomina de Urbanismo Biopotente. A Plataforma é um espaço de atuação tecnológica que utiliza intensivamente algumas ferramentas digitais que possibilitam um processo de trabalho em rede que explora de maneira tática e estratégica uma série de dispositivos tecnopolíticos para a produção de conhecimento de maneira coletiva e colaborativa (mapas georreferenciados digitais, páginas wiki, produção de linhas de tempo, blogs, redes sociais, etc.). O crowdmap é composto com um questionário que busca rastrear informações plurais como os diferentes atores, custos, investimentos, atos normativos e instituições envolvidos em cada caso (GPU) mapeado através do aplicativo, que possibilita a geração de uma tabela excel que permite exportar os dados para outras plataformas e mapas, assim como, organizar dados de acordo com interesses da investigação a cada momento.

[4] Para Javier Toret, pesquisador-ativista do 15M, vinculado ao IN3 de Barcelona, parceiro do Indisciplinar

na rede recém-criada “Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais”, tecnopolítica é “o uso tático e estratégico de dispositivos tecnológicos para a organização, comunicação e ação coletiva das “multitudes inteligentes”, “novos movimentos sociais” ou “movimentos sociais em rede”. Práticas coletivas que podem acontecer a partir da internet, mas que não acabam nela. Se manifestam como uma tomada do espaço público físico, digital e midiático capaz de orientar ações distribuídas tanto nas redes digitais como na cidade. As redes não têm servido unicamente para construir ou coordenar a ação coletiva, mas também para criar o sentido da própria ação e criar um impulso transformativo em diferentes grupos e setores sociais.”. TORET; J. (2015). @DATAANALYSIS15M. “Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas”. Disponível em: < <http://in3wps.uoc.edu/index.php/in3-working-paper-series/article/view/1878>>. Acesso em: 10 de maio.

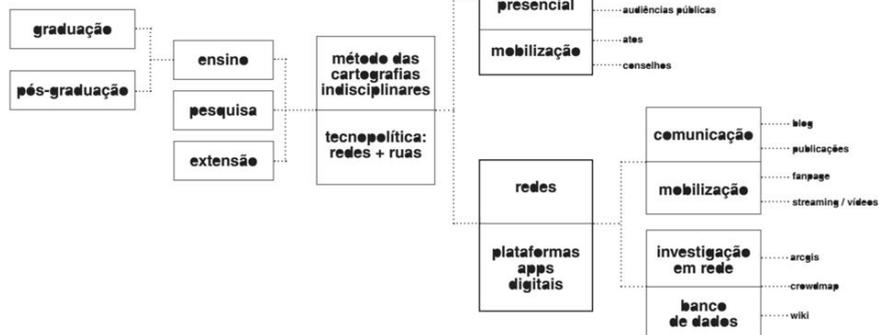
Img. 2 (Pág. anterior) A ação do Indisciplinar atravessa redes e ruas. Fonte: acervo pessoal

indisciplinárias quanto lutas territoriais vivenciadas pelo Grupo. A cartografia da Izidora é uma delas. Essa multiplicidade de processos, contudo, não nos impede de demarcar/posicionar nosso lugar teórico quanto ao método cartográfico e ao procedimento tecnopolítico, já que ambos surgem desde a prática cotidiana e vem sendo inventado coletivamente e colaborativamente, exigindo que trabalhe em tempo real e que nos organizemos no dia-a-dia utilizando para além dos diversos encontros presenciais semanais, as mídias digitais e as redes sociais.

O Indisciplinar realiza pesquisa situada e em rede, isto é, seus pesquisadores investigam, interagem e atuam junto a pessoas, grupos e processos de disputa na e pela produção do espaço urbano a partir de problemas radicais do cotidiano associados aos diferentes modos de produção e reprodução da vida no território. Esse processo de trabalho é bastante diverso do modo convencional de assessoria técnica adotado pela maioria dos grupos de pesquisa acadêmicos envolvendo direito, arquitetura e urbanismo, que funcionam quase como um escritório que atende a demandas específicas das comunidades ou movimentos sociais.

Dessa forma, a investigação é ação engajada, pesquisa comprometida e militante, que escapa – ou pretende escapar – às armadilhas conceituais abstratas e geograficamente alienadas do método científico positivista em que há – ou ao menos se defende ter – a separação entre o sujeito pesquisador e o objeto de estudo. Evidentemente, o paradigma de saber tradicional, fundado num eixo vertical de compreensão do conhecimento, está intimamente associado ao combatido individualismo metodológico, amparo científico da teoria da ação racional, do neo-institucionalismo, do utilitarismo e da teoria dos direitos de propriedade. O sujeito pesquisador, nesses casos, é o homo oeconomicus travestido de cientista imparcial e, o processo do conhecimento, amparo aos avanços neoliberais no espaço cognitivo.

Nossa aposta, declaramos, é o oposto. Claro, sejamos francos, os desafios são muitos e, tampouco, essa aposta é isenta de contradições e, como tudo que é novo, gera controvérsias cotidianas. Contudo, a assunção prévia da hibridação entre sujeito e objeto nos permite lidar, sem rodeios, com os novos problemas que não cessam de surgir na prática investigativa e, para eles, inventar novas soluções. Aqui, não há metas a priori, ou hipóteses a serem comprovadas; ao contrário, a contrapelo do saber hegemônico, o que interessa é o próprio caminho, acompanhar as experiências, as ações performativas, os movimentos e seus processos. O método não é, portanto, algo auxiliar à atividade



A partir desse alinhamento entre ações de rua e de rede, costurando linhas que fazem e refazem tramas e nós, é possível discutir o procedimento tecnopolítico [4] de atuação do Indisciplinar, seus usos táticos e estratégicos de dispositivos que, em cada caso, fazem/criam/inventam as práticas cartográficas do Grupo. Dessa forma, ainda que sobre o método cartográfico indisciplinar possa se discutir e apresentar procedimentos, ferramentas e ações que se cruzam, se atravessam e se fundem – atividades comuns –, existem tantas cartografias

de produção do conhecimento, ou um suporte procedimental-guia para testar hipóteses e se alcançar resultados comprováveis. Ao método interessa a própria senda; numa clara profanação à ideia de metá-Hódos, a arma conceitual é Hódos-metá (DELEUZE & GUATTARI, 1996).

A partir das ações de investigação do Grupo, portanto, o método cartográfico indisciplinar vem sendo uma ferramenta/arma de produção de conhecimento e interação com o real, recriando acontecimentos, fenômenos e movimentos por meio de procedimentos continuamente debatidos e repensados coletivamente. A cartografia como máquina, como quer Guattari (GUATTARI, 1992), que gesta e compõe elementos plurais, singulares, irrepetíveis e heterogêneos, como as ações sociais, políticas, culturais, econômicas, tecnológicas e mentais, e que pode representar e recriar acontecimentos do real. A cartografia indisciplinar, portanto, preocupa-se em produzir outras máquinas, produzindo novos acontecimentos do real. [5]

As tecnologias, os valores, os fluxos e os territórios são funções, ferramentas e dispositivos variados que se articulam para produção de outros mundos, a depender dos objetivos, constantemente repactuados, das ações de investigação, como, por exemplo: a) Parar um Grande Projeto Urbano? b) Impedir despejos violentos? c) Ocupar espaços públicos? d) Investigar e denunciar a transferência do patrimônio público para a esfera privada? e) Gerar processos constituintes para criar um parque na periferia? Todas essas ações acontecem por meio desses processos de investigação que se desenvolvem via procedimentos tecnopolíticos do Grupo, que combinam ações de rua – operada por dispositivos como os “aulões”, atos públicos, denúncias aos órgãos de fiscalização e controle, incidência política e participação em eventos acadêmicos, com ações de rede – construída por meio das ferramentas wiki, blog, fanpage, crowdmap somadas às estratégias gráficas de memes, cartilhas, pôsteres, diagramas, mapas e linhas do tempo.

Essa combinação de rede e rua vem se desenvolvendo em variados formatos (estéticos, técnicos, presenciais, de mídia), em diferentes tempos (acelerado, imediato, contínuo e lento), em plúrimos espaços (acadêmico, estatal, popular) e distintas escalas (local, regional, nacional e internacional), nas diferentes frentes de ação do Indisciplinar. Fruto de debates internos dos pesquisadores, analisando os movimentos de contração e alargamento dos diferentes tipos de atividades tecnopolíticas, que variam de acordo com as exigências do cotidiano da ação e da pesquisa, o Grupo tem vivido e experimentado essas multiplicidades de ações ora como táticas, ora como estratégias.

caos y el orden temporal que las configura. Las máquinas guattarianas pueden y deben ser permanentemente reconfiguradas”. PEREZ DE LAMA, J. (2009) “La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma”. Cartografía y máquinas, releyendo a Deleuze y Guattari. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 121-145, set./dez., p. 40.

Essa diferença entre ações estratégicas e táticas dialoga com a proposta de Michel de Certeau, que associa à primeira a lógica do planejado, e à segunda, o espontaneísmo da ocasião. Táticas que, sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz, se finca no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo e é determinada pela ausência de poder, diferente da estratégia, que é organizada pelo postulado de um poder (CERTEAU, 2003, p. 101). Se, segundo Certeau, a estratégia postula um lugar como próprio e constrói uma base para gestão de suas relações com a exterioridade, a tática só tem por lugar o do outro. Ela insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância. Não dispõe de base para capitalizar os seus proveitos. Pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigília à espera da oportunidade (RENA, 2015).

Inventando método na medida em que se refazem as sendas, nossa atuação, principalmente em casos que envolvem emblemáticos conflitos socioterritoriais como o da Izidora, tem se pautado por táticas nodulares – ações imediatas de resistência e denúncia, fortalecendo “nós” – e estratégias enredadas – ações mediatas de mapeamento, incidência política e qualificação de informações, fortalecendo linhas, tramas e enredos. Nossa aposta tem sido que esses diferentes meios de atuação podem potencializar as ações de rua e de rede, colaborativamente construídas e constantemente repactuadas com as resistências atuantes no território. Apresentamos, num formato descritivo, essa experiência para a cartografia da Izidora, numa espécie de contação da estória que já passou, para abrir, em seguida, as fabulações da cartografia que ainda segue.

[5] Essa também a aposta de Perez Lama, defendendo a dimensão maquínica da cartografia, ao discutir suas experiências cartográficas nos projetos “wiki plazas”. Na forma como discute o autor: “Guattari escribe en ocasiones acerca de estas configuraciones maquínicas describiéndolas como cartografías, en tanto que disposición de elementos heterogêneos que se relacionan entre sí de un modo específico, para producir un cierto acontecimiento de lo real, un cierto mundo. Entonces, en una acepción amplia de la cartografía, una que hoy nos interesa especialmente investigar, hacer mapa significaría componer elementos heterogêneos, para constituir nuevas máquinas. En este sentido, por ejemplo, la idea de hacker como reconfigurador de máquinas complejas vuelve a ser una metáfora enormemente adecuada. (...) Las máquinas se componen en un permanente movimiento de ida y vuelta entre el



Percurso 1 – Táticas nodulares: o ponto cego da Operação Urbana

Cartografar processos de lutas territoriais marcados por graves violações de direitos, a partir do espaço da academia, é um desafio permanente aos limites e aos papéis dos investigadores. E, em não raros momentos, devido à estranheza e repulsa do tecnicismo acadêmico “observador” e “neutro” frente às pesquisas militantes, a legitimidade do Grupo como agente produtor de conhecimento é posta em crise – trata-se de ativismo ou de saber científico? É, por exemplo, bastante comum que os pesquisadores, quando estão nas assembleias dos movimentos sociais, sejam tratados como alguém de fora, externo, da academia, e, portanto, com valor menor no contexto daquela luta naquele instante. Por outro lado, dentro da própria universidade, muitas vezes há um tom de desqualificação por parte de alguns pesquisadores mais tradicionais que acusam o Grupo de ativista e militante e, dessa forma, não produtor autorizado de saber científico. Esse não lugar conferido ao novo é histórico e, portanto, confere às equipes de trabalho uma série de questionamentos que forçam um registro constante das ações para que repetidamente possamos debater em espaços coletivos a formalização (mesmo que provisória) do método adotado.

Como mais um ator integrante da rede de resistência, o pesquisador engajado, em meio às urgências políticas e sociais do caso e às constantes repactuações com os parceiros, age num tempo do eterno-agora, pois o imediatismo das respostas pode garantir o estancamento das ameaças, e num espaço sobreposto e heterogêneo, uma vez que interessa agir nos lugares em que a rede, o estado, a universidade, a rua e o corpo se comunicam e emergem.

O momento do aqui-agora é o espaço-tempo concreto da ação tática; de práticas e ferramentas que, feito rompantes espontâneos do corpo que rejeita o elemento estranho, golpeia, com faro crítico de ocasião e com a maior força possível, os planos do “inimigo” (a ordem de despejo, a destruição de um parque, obras associadas à GPUs, leilões de bens públicos, atos de privatização da cidade, etc.). Essa combinação é capaz de construir ações potentes de resistência onde a velocidade dos processos aumenta exponencialmente, distorcendo as dimensões formais do “tempo do mercado” – o timing das trocas, do sujeito consumidor e do horário comercial –, e desviando das armadilhas do “espaço do Estado” – o processo judicial pró-proprietário, as audiências e as reuniões públicas teatrais. Essas táticas, inventando e/ou subvertendo, ainda que fugazmente, esses tempos e espaços hegemônicos, agem através e pelo meio (nas dobradas), propondo ações

diretas de negociação, campanhas e denúncias na rua e na rede, assembleias populares em espaços públicos, planos alternativos e ocupações temporárias de instituições.

Essas armas experimentais são táticas que, em movimentos de sístole ou contração, direcionam, por mecanismos heterogêneos, as linhas e as tramas da rede de resistência para os nós com potência paralisante do estado de ameaça. A iminência do perigo exige táticas nodulares (entre nós), ou seja, solicita ações que nutram mutuamente a inteligência de rua e rede para lidar com temas cuja oportunidade pode ser determinante para o estancamento imediato da situação de violação.

No caso específico do conflito socioterritorial da Izidora, as táticas nodulares do Indisciplinar agiram, sobretudo, para potencializar a denúncia de um Grande Projeto Urbano associado ao território das três ocupações ameaçadas de despejo – a Operação Urbana do Isidoro –, de forma que essa incidência política e jurídica repercutisse na paralisação da ordem de desocupação forçada. Diversas combinações de ações e ferramentas de rua e de rede foram desenvolvidas, numa parceria com membros e apoiadores da rede Resiste Izidora, lideranças das comunidades afetadas, movimentos sociais populares (Brigadas Populares, Movimento de Lutas, Bairros e Favelas – MLB, Comissão Pastoral da Terra – CPT), grupos acadêmicos (Práxis-UFMG, Polos-UFMG, Escritório de Integração da PUC-MG) e outras organizações (Arquitetos Sem Fronteira – ASF, Coletivo Margarida Alves de Advocacia Popular), tendo o Indisciplinar assumido a frente, de forma pontual, para denunciar as irregularidades da Operação Urbana, durante o ano de 2015.

Desde o ano de 2014, primeiro grande momento de perigo a ameaçar de despejo as três ocupações Rosa Leão, Esperança e Vitória, que o Indisciplinar atua como colaborador da rede Resiste Izidora. Nesse contexto, pesquisadores do Grupo, engajados nas campanhas e atos de rede e rua que envolveram ampla mobilização da sociedade civil, acamparam no território, em ações de vigília noturna e participaram das festas de arrecadação e apoio às famílias, e, ainda, contribuíram na construção de materiais gráficos que denunciavam a ameaça de graves violações de direitos no local.

Contudo, foi a partir de março de 2015 que as ações do Indisciplinar no conflito da Izidora se intensificaram, tendo o Grupo assumido forte papel na rede de resistência, atuando como um dos atores na Mesa de Negociação de Conflitos Fundiários, criada pelo estado de

Minas Gerais. Esse espaço formal de negociação, do ponto de vista do governo, voltava-se à pactuação da retirada das famílias do território para construção de um gigantesco empreendimento habitacional. Desde esse momento, as atividades dos investigadores do Grupo se concentraram: (i) na participação nas reuniões públicas da Mesa de Negociação – sempre divulgadas por streaming – e nos encontros para elaboração do seu decreto regulamentador; (ii) nas conversas com os atores da rede Resiste Izidora para discussão e planejamento de ações conjuntas; e (iii) na investigação e estudo do universo jurídico-urbanístico envolvendo o conflito, para além da discussão sobre a posse e propriedade dos terrenos em disputa.

Em junho de 2015, com a divulgação de um comunicado da Política Militar de que estava sendo montado um grande esquema policial para execução da ordem de despejo das três ocupações, as ações do Indisciplinar, num movimento de contração, direcionaram-se para denúncia ampla e mobilização popular sobre as irregularidades da Operação Urbana e o risco de que sua efetivação levasse a cabo a construção de um gigantesco gueto de pobres na região, às custas do despejo violento e irrazoável de milhares de famílias que ocupavam para fins de moradia.

Numa construção simultânea de ações de rua e de rede, o Grupo ajudou a pautar a discussão pública sobre o conflito, trazendo à tona, de forma evidente, o perverso projeto urbanístico para região da Izidora, negociado entre os entes federados e grandes empreiteiras regionais, demonstrando, de forma tática, a associação entre a ilegalidade do despejo (pauta principal da rede de resistência) com o bilionário projeto repleto de irregularidades. Ou seja, o nó que poderia desatar a desocupação forçada era: o projeto urbanístico ilegal da Operação Urbana não pode justificar o despejo de famílias que ocupam para fins de moradia.

Como forma de construção de uma inteligência cartográfica ex post facto, agruparemos as táticas nodulares desenvolvidas pelo Grupo, neste trabalho, em dois grandes momentos: (i) “ações de denúncia” e (ii) “ações de mídia e comunicação”. Ambas as ocasiões táticas/momentos táticos são atravessadas pelos espaços das ruas e das redes, agindo num contínuo móvel e híbrido de dispositivos tecnopolíticos conjugados pelas ações de acusar, denunciar e comunicar.

As ações táticas de denúncia e de mídia tiveram como elemento-chave do processo de acusação, denúncia e comunicação em ruas e rede, o documento técnico denominado “NOTA PÚBLICA DO GRUPO

[6] No dia 25/06/2015, o Grupo de Pesquisa Indisciplinar UFMG realizou um AULÃO PÚBLICO aberto à comunidade que apresentou e debateu as irregularidades da Operação Urbana do Isidoro. Conforme consta da chamada do evento: “Através da perversão de instrumentos urbanísticos, o Município de Belo Horizonte tem levado a cabo o que pode se transformar numa guetização socioterritorial da região do Isidoro. Particionada pelo Poder Público, essas deturpações irão perpetuar a captura dos instrumentos jurídico-urbanísticos pela iniciativa privada, em prejuízo à justa distribuição dos ônus e benefícios do processo de urbanização e a realização de infraestrutura técnica e social para atender os empreendimentos habitacionais previstos para área. O conflito fundiário das ocupações da Izidora não pode ser tratado de forma divorciada dessas irregularidades da Operação Urbana.” Material disponível em: <http://oucbh.indisciplinar.com/?cat=10>.

DE PESQUISA INDISCIPLINAR DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG SOBRE AS IRREGULARIDADES JURÍDICAS DOS INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS NO ISIDORO”. Esse documento foi produzido logo após o noticiamento público da ação policial de despejo e amplamente divulgado em campanhas de comunicação e mobilização em rede poucos dias após a publicização da ameaça. O objetivo era, como o primeiro parágrafo do texto anunciava, “manifestar o repúdio do Indisciplinar ao desalojamento de milhares de famílias que vivem na área e, ainda, publicamente denunciar as ilegalidades dos instrumentos urbanísticos aplicados na região pela Prefeitura de Belo Horizonte à revelia da sociedade”. A ação de despejo estaria, a partir daí, publicamente vinculada à execução de um projeto urbanístico ilegal e excludente.

A partir desse nó diversas atividades de rua e de rede se desenvolveram e, organizadas, diagramaticamente, podem ser apresentadas nas seguintes frentes:

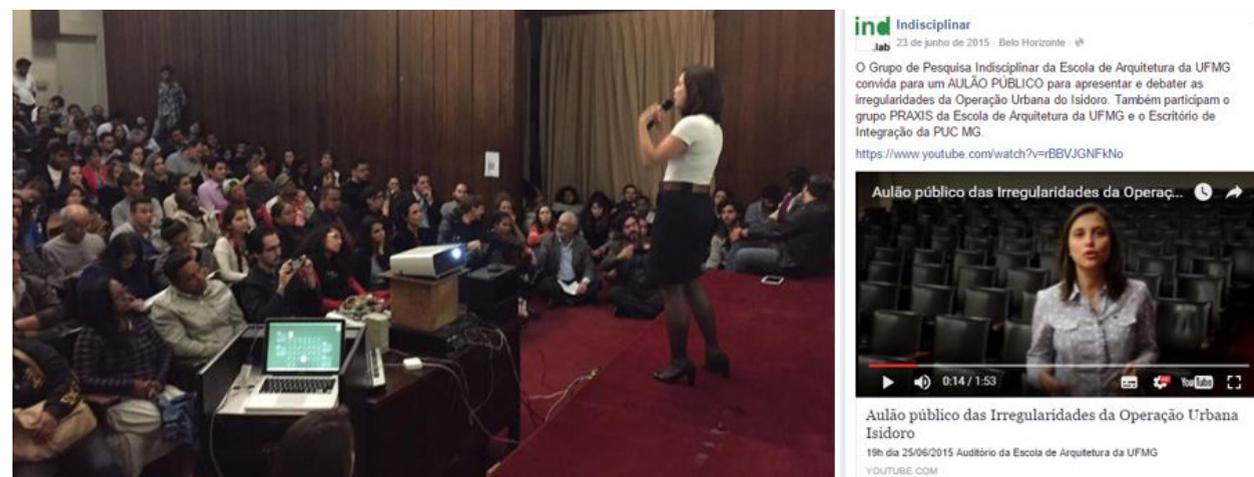
Ações de denúncia na rua:

- Divulgação e debate da Nota Técnica por meio do dispositivo Aulão Público, na Escola de Arquitetura da UFMG, que contou com ampla campanha de chamamento e convite. [6]

- Representação das ilegalidades da Operação Urbana junto ao Ministério Público estadual – Patrimônio Público e Habitação e Urbanismo.

- Participação, para falar das ilegalidades do projeto urbanístico, em reuniões que criaram fato político para impedir o despejo, como a reunião no auditório da Defensoria Pública junto com parlamentares da base aliada do governador do estado e membros do Ministério Público e Defensoria Pública estaduais.

Img. 3 (pág. seguinte) Foto do Aulão Público e print da chamada do Indisciplinar no evento do Facebook, com divulgação de vídeo. Fonte: acervo pessoal



- Participação na Mesa de Negociação do conflito junto ao governo do estado e apresentação da Nota Técnica em reunião extraordinária no MinasCentro com presença de membros do governo federal e estadual, representantes da empresa responsável pelo empreendimento Granja Werneck, lideranças das três ocupações, movimentos sociais da rede Resiste Izidora, parceiros da universidade e organizações apoiadoras.

Ações de denúncia na rede:

- Produção da página específica no blog do Indisciplinar sobre Operações Urbanas, narrando a emblematicidade do conflito da Izidora e divulgando todas as informações mapeadas pelo Grupo. No ápice da ameaça de despejo, quando ganha relevo a discussão da Operação Urbana, há elevado crescimento da consulta ao blog.

- Tradução gráfica das irregularidades da Operação Urbana em diagramas, gifs, e tabelas, de forma a ilustrar o Aulão Público e, ainda, o texto do blog.

- Campanha de divulgação da Nota Técnica nas mídias sociais por meio da fanpage do Indisciplinar e da rede Resiste Izidora.

- Entrevistas em mídias regionais sobre o tema da Operação Urbana.

Ações de mídia e comunicação na rua:

- Articulação da Rede Cidades UFMG sobre o conflito da Izidora e construção de uma Carta coletiva da Rede repudiando o despejo de forma associada à contrariedade do projeto de cidade levado a cabo pela Operação Urbana. A Carta foi entregue ao Reitor da UFMG.

- Redirecionamento da disciplina UNI009 para o tema da cartografia da cultura das ocupações, envolvendo visitas às três ocupações para conversa e mapeamento coletivo sobre os bens e ações culturais no território. O material produzido foi utilizado como fonte na Mesa de Negociação do conflito para dar visibilidade aos diferentes modos de vida existentes e, dessa forma, permitir o questionamento dos critérios unidimensionais de cadastro das famílias para os programas habitacionais.

- Participação constante nos encontros do grupo de trabalho de comunicação da rede Resiste Izidora.

- Ocupação de mesa do IBDU – Instituto Brasileiro de Direito Urbanístico – no ENAMPUR (Encontro Nacional de Pesquisa e Planejamento Urbano), principal evento de Pesquisa e Planejamento Urbano do país, discutindo planejamento urbano e conflito, num hotel 5 estrelas, para denunciar o caso da Izidora.

Ações de mídia e comunicação na rede:

- Colaboração contínua na manutenção das postagens na fanpage Resiste Izidora, construindo campanhas de divulgação das diversas irregularidades envolvendo o conflito territorial. Após a divulgação da Nota do Indisciplinar, enumerando 9 irregularidades, a Rede criou, como tática similar, campanha de divulgação dos inúmeros problemas envolvendo a região, postando, constantemente, memes e documentos como as “31 irregularidades na Izidora”, elaborado pelo Coletivo Margarida Alves de Advocacia Popular.

- Realização de campanha de divulgação da carta da Rede Cidades – UFMG nas redes sociais, por meio da fanpage do Indisciplinar.

- Produção de material gráfico sobre a “cartografia da cultura” nas três ocupações da Izidora retratando os diferentes modos de vida presentes no território.



Img. 5 Cartografia da cultura realizada na ocupação Vitória. Fonte: acervo pessoal



- Publicação na Revista AU – Arquitetura & Urbanismo, sobre a atividade de cartografia da cultura nas ocupações da Izidora.

Esse conjunto de ações táticas, construídas no espaço-tempo regido pela premência da ameaça de desocupação forçada, trouxe, ao menos, a convicção entre os parceiros da rede Resiste Izidora e moradores afetados de que para além da disputa fundiária envolvendo o conflito, há, em curso, claro projeto urbanístico levado a cabo pelo Município de Belo Horizonte em parceria com grandes empresários, frontalmente irregular. [7] Tanto é assim que o Ministério Público de Patrimônio Público representou contra a inconstitucionalidade da lei que rege a operação urbana perante a Procuradoria Geral desta instituição, assim como o Ministério Público de Habitação e Urbanismo está estudando a apresentação de uma Ação Civil Pública também atacando a mesma operação urbana, com base no procedimento cível aberto pelo Indisciplinar.

A denúncia desse projeto urbanístico perverso e excludente não foi a causa imediata da suspensão do despejo que até então manteve as

Img. 6 Arte produzida sobre um morador da ocupação Rosa Leão após a cartografia da cultura. Fonte: acervo pessoal

[7] Em diversos momentos não houve acordo entre os atores da rede resiste izidora da conveniência de se apresentar o argumento da ilegalidade da Operação Urbana, como tática que reforçaria a suspensão do despejo. E, não foram poucas as vezes em que os parceiros da rede voltaram atrás e defenderam sua ampla denúncia e divulgação.

[8] Em decisão histórica o Ministro Og Fernandes do STJ suspendeu o despejo das ocupações da Izidora em sede de Recurso Ordinário em Mandado de Segurança em que se questionava as condições da Polícia Militar de MG realizar a ação de desocupação forçada respeitando as garantias mínimas e prévias a essa medida. Acesse a decisão aqui: <https://goo.gl/5MGssH>. Contudo, esse entendimento foi revisto em decisão datada de 28 de setembro deste ano. Na ocasião, o TJ/MG entendeu, divergindo do STJ, que o estado de MG e sua PM teriam apresentado razões hábeis a legitimar a ação de despejo com as garantias prévias aos ocupantes. O que estava em jogo eram a integridade e a dignidade de milhares de famílias e por respeito aos seus direitos, procedimentos prévios

à ação de desocupação forçada teriam que estar aclarados e assegurados. Contudo, o órgão especial do TJ julgou que mesmo com as precárias e insuficientes condições apresentadas pelo estado de Minas Gerais, a PM tem condições de desalojar 8 mil famílias, numa ação cujo efetivo de policiais e aparatos se assemelharão a uma ação de guerra.

[9] Como alertam Gabriel Giorgi e Fermín Rodríguez “la vida nombra un campo de conceptos y de prácticas no dominado por el hombre como categoría ordenadora de la experiencia. La vida se ha vuelto el más allá de la subjetividad, lo que viene a exceder los límites del sujeto individual, a arrancarlo del campo de la experiencia, a dislocar el campo de su conciencia, a vaciar su interioridad, a tensar violentamente su lenguaje, a reorganizar sus políticas, a reconfigurar sus modos de producción” In: Ensayos sobre biopolítica. Excesos de vida: Michel Foucault; Gilles Deleuze Slavoj Zizek; compilado por Fermín Rodríguez y Gabriel Giorgi. – 1ª ed. – Buenos Aires: Paidós, 2007, p. 08.

[10] Essa é a aposta da cartografia dos movimentos dos indignados espanhóis, produzir diferentes tecnologias de mapeamentos a serviço de diferentes estratégias, conhecer, criticar e antecipar o inimigo. Sobre o tema ver DE SOTO, Pablo. Los Mapas del 15M: el arte de la cartografía de la multitud conectada. Disponível em: Último acesso em: 22 set. 2015.

três ocupações salvaguardadas por decisão jurisdicional provisória. [8] Contudo, a compreensão do caso nas suas entrelinhas nos leva à conclusão de que a ampla divulgação e a repercussão das irregularidades da operação urbana nas ações de todos os membros da rede de resistência contribuíram para abalar a legitimidade do projeto urbanístico hegemônico para a Izidora. E, atualmente, a possibilidade de questionamento judicial da operação urbana, bem como de outras irregularidades jurídicas envolvendo a genealogia proprietária da terra na região, são os principais pontos a manter aberta negociação entre os atores em conflito e garantir os direitos dos moradores das ocupações da Izidora.

Percurso 2 – Estratégias enredadas: mapeamento biopolítico do conflito

Os nós, sem as linhas, não se enredam e não se desatam. Há, no processo maquínico de cartografia indisciplinar, uma construção que também se desenvolve entre enredos, cuja potência de ação está na contação de estórias difíceis, não ditas, ou silenciadas – quais são os interesses políticos e econômicos por trás dos conflitos socioterritoriais? Quais são os instrumentos jurídicos que legitimam a atuação combinada entre Estado e capital? Quais os mecanismos de financiamento dessas parcerias? Como desmontá-la? E, ainda, como instituir algo novo a partir das insurgências? Esses questionamentos, bem como todas as inquietações próprias do pesquisar ativista aqui narrado, são atravessados, necessariamente, pela compreensão biopolítica da produção do espaço: o território urbano e os modos de existência que nele se desenvolvem, produzem e reproduzem a vida [9], disciplinando, normalizando, instituindo o corpo, os bens comuns e as atividades intersubjetivas.

As estratégias enredadas dizem respeito aos dispositivos e ferramentas que, num movimento organizado de diástole e dilatação, recupera e refaz linhas, enredos e tramas relacionadas à frente de ação cartografada. Ao contrário das táticas nodulares, aqui os movimentos de enredar são planejados; o espraiamento estratégico das linhas da trama conflitual – quais são os atores, como eles agem, quais seus instrumentos, como se relacionam? –, está a serviço da construção de novos mundos que não apenas possibilitem o ataque ao inimigo – já que cartografia é arma –, mas também o antecipe, o reconheça e o exceda. [10] E, por isso, o atravessamento biopolítico, pois as estratégias de cartografia indisciplinar enredam as práticas normalizadoras do biopoder às ações biopotentes de resistência e alteração desse regime normativo.

A principal plataforma de mapeamento do Indisciplinar, Urbanismo Biopolítico (UB), associa um conjunto de ferramentas de rede: wiki, blog, fanpage e crowdmap. O crowdmap, nessa plataforma, funciona como um mapa online e colaborativo que permite o georreferenciamento de grandes projetos neoliberais ou das resistências biopotentes, com associação a um questionário online de coleta e organização de dados. Esse questionário constitui um guia para o mapeamento da economia política do grande projeto, seus mecanismos de financiamento e atores envolvidos, bem como investiga os processos de resistências a eles colocadas no território. [11]

No que diz respeito à cartografia do conflito da Izidora, as estratégias do Indisciplinar compõem duas dimensões principais de enredação: as ações de coleta de dados, sistematização de informações e organização documental na Plataforma UB estão combinadas com a ação de pesquisa técnica aprofundada acerca do marco político e jurídico do conflito em sede da pesquisa doutoral já mencionada. Esse alinhamento entre o mapeamento complexo e qualificado do conflito com a pesquisa de doutorado está construindo um conjunto de ferramentas sobre o tema que tem servido de suporte comparativo para atuação em conflitos semelhantes. É um processo de cartografia com elevado grau de replicação, tendo em vista a emblematicidade do conflito da Izidora e as inovações do método de investigação.

Além disso, esse processo de fortalecimento das linhas e das tramas continua a contribuir em ações mediatas de resistência frente às ameaças de violações de direitos no território, tendo as atividades acadêmicas de participação em eventos científicos e a publicação em revistas especializadas auxiliado na divulgação do caso e suas diversas histórias (disputa posse/propriedade, gigantesco empreendimento habitacional do MCMV, Grande Projeto Urbano de parceria público-privada, presença de comunidade tradicional de quilombo e regularização fundiária de milhares de famílias em áreas de grande relevância ambiental). E, claro, o suposto binarismo aqui apresentado, táticas nodulares X estratégias enredadas, reflete apenas uma ferramenta analítica de se contar o que tem sido feito e não a experiência real de cartografia. Há inúmeras táticas enredadas e estratégias nodulares sendo recriadas nas ações de mapeamento e investigação.

A partir das linhas que fogem do nó atrelado à Operação Urbana, diversas atividades de rua e de rede estão sendo desenvolvidas e, organizadas, diagramaticamente, podem ser apresentadas nas seguintes frentes:

[11] A estrutura da Plataforma é constantemente revisada pelos pesquisadores. Na sua última versão, o questionário aparece estruturado em seis blocos de perguntas que, em relação ao Urbanismo Neoliberal, investigam seus agentes envolvidos, mecanismos de parceria, ações relacionadas às políticas públicas realizadas pelo Estado e ações jurídicas, instrumentos e dispositivos jurídicos e de comunicação, custos e recursos e tipos de financiamento. Em relação ao Urbanismo Biopotente, as perguntas são estruturadas de forma que, ao mesmo tempo, seja feito um espelhamento com o que é investigado na outra categoria, e faça sentido com o que está sendo cartografado. Dessa forma, investigam os agentes apoiadores, a rede formada por eles, as ações no que diz respeito às políticas públicas auto-engendradas pelos moradores e ações jurídicas, os instrumentos jurídicos e de comunicação, os recursos e o financiamento, relacionado a instituições e/ou acordos comerciais.



Img. 7 Reunião com parceiros do LabCidade sobre o mapeamento dos atores e ações. Fonte: acervo pessoal

Mapeamento de atores e ações na rua:

- Reuniões com pessoas, organizações e movimentos sociais que fazem parte da Rede Resiste Izidora.
- Entrevistas e roda-de-conversa com atores-chave do conflito, em processo.
- Debate público do mapeamento com parceiros em workshops colaborativos.

Mapeamento de atores e ações na rede:

- Constituição e sistematização de base de dados na wiki, em processo.
- Produção de linha do tempo territorializada das ações do conflito, em processo.
- Mapeamento dentro do crowdmap “urbanismo biopolítico”, respondendo ao questionário sobre o urbanismo neoliberal, em processo.

Atividades acadêmicas na rua:

- XVI Encontro Nacional da ANPUR – Enanpur (Belo Horizonte/MG, 2015)
- VIII Encontro Brasileiro De Direito Urbanístico (Fortaleza/CE, 2015)



- II Seminário De Estética e Crítica da Arte na FAU-USP (São Paulo/SP, 2015)

- Seminário “Representaciones Cartográficas De Ciudades En La Investigación” (Cidade do México, 2016)

- Congresso internacional “Contested Cities” (Madrid/Espanha, 2016)

- II Encontro sobre experiências de planejamento em contexto de conflito social – IPPUR/UFRJ (Rio de Janeiro/RJ, 2016)

Mapeamento de atores e ações na rede:

- Divulgação das palestras/apresentações no blog do Indisciplinar.

- Análise dos dispositivos de mídia da rede Resiste Izidora, em processo.

- Construção de análise topológica que combine elementos de rua e de rede para avaliar as “ações diretas em rede” da Resiste Izidora, em processo.

- Produção de material gráfico, como diagramas e mapas críticos sobre o conflito.

As estratégias enredadas confirmam o compromisso cartográfico da pesquisa engajada em construir novos mundos na medida em que

Img. 9 Apresentação sobre a cartografia indisciplinar na Izidora no Congresso internacional “Contested Cities”, em Madri. Fonte: acervo pessoal

se investiga. E, dessa forma, são ações que também possibilitam, na medida em que se abrem as linhas e os enredos, revisitar ações táticas, refazer análises e qualificar o trabalho. As principais atividades desse processo ainda estão em curso e sua divulgação e debate têm servido para recriar os procedimentos do Indisciplinar em outras frentes e, ainda, inspirar a cartografia de outros conflitos por parceiros de nossa rede de investigação, bem como inventar tecnologia para ações de resistência em outros territórios.

Essas tecnologias-armas, percebidas por meio da experiência militante da pesquisa Indisciplinar na Izidora, são ferramentas de luta que, combinadas, tramam (orquestram e costuram) dispositivos que podem potencializar a transformação da realidade, com sentido de justiça espacial. Ainda que as múltiplas variantes e a ambiguidade dos elementos que configuram os conflitos sociais tornem difícil a avaliação do papel do pesquisador engajado na dinâmica da luta territorial, situar a investigação é um caminho que não deve ter mais volta, se o desejo de refazer e repensar a ciência for colocado pari passu ao desejo de radical transformação do método científico e do lugar do pesquisador frente aos problemas radicais do nosso cotidiano.

Esse conjunto de ações enredadas tem sido recortado pelo processo de contação de estórias, buscando revisitar os acontecimentos do conflito de forma a conversar com eles e, a partir da daí, desenvolver uma narrativa onde a diferença entre a realidade e a ficção não é muito clara. A dinâmica cartográfica não constrói ferramentas para se acessar o real, mas possibilita a invenção de outros mundos no encontro com diferentes eventos situados, abrindo caminho para o diálogo entre os acontecimentos e a pesquisa.



REFERÊNCIAS

ACERTEAU, M (2003). **A invenção do cotidiano**. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.

COSTA, G.; MAGALHÃES, F. (2011). “**Processos socioespaciais nas metrópoles de países de industrialização periférica: reflexões sobre a produção do espaço metropolitano de Belo Horizonte**”, Brasil. Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais v. 13, n. 1, p. 9-25.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** 5 vol.. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GUATTARI, F. (1992). **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34.

OLIVEIRA, F (2008). **A economia brasileira: crítica da razão dualista e o ornitorrinco**. São Paulo: Boitempo.

MARICATO, E. (2011). **O impasse da política urbana no Brasil**. Petrópolis: Vozes, p. 119.

PEREZ DE LAMA, J. (2009). **La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma. Cartografía y máquinas, releyendo a Deleuze y Guattari**. Pro-Posições, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 121-145, set./dez.

RENA, N. (2015). **Cidade Inventada: táticas do cotidiano constituindo uma multidão de inventos**. Disponível em: <http://blog.indisciplinar.com/artigos/> Acesso em maio de 2016.

RENA, N.; BERQUÓ, P.; CHAGAS, F. (2014). “**Biopolíticas espaciais gentrificadoras e as resistências estéticas biopotentes**”. Lugar Comum (UFRJ), v. 1, p. 71-88.

RODRIGUEZ, F.; GIORGI, G. (2007). **Ensayos sobre biopolítica. Excesos de vida: Michel Foucault; Gilíes Deleuze Slavoj Zizek; compilado por Fermín Rodríguez y Gabriel Giorgi**. – I a ed. – Buenos Aires: Paidós.

TORET; J. (2015). @DATAANALISYS15M. “**Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas**”. El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida. IN3 Working Paper Series. Disponível em: <<http://in3wps.uoc.edu/index.php/in3-working-paper-series/article/view/1878>>. Acesso em: 10 Mai.

* **Julia Ávila Franzoni** doutoranda em Direito na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora convidada no Laboratório de Law & Theory da Universidade de Westminster, em Londres.

* **Daniela de Oliveira Faria** graduanda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora bolsista do grupo de pesquisa Indisciplinar.

* **Natacha Araújo Rena** professora doutora na Escola de Arquitetura, Urbanismo e Design da Universidade Federal de Minas Gerais.